

Análise Etnopsiquiátrica de um Romance Espanhol (*)

A Anorexia mental: objecto duma sublimação

PAOLO POLITO di SABATO (**)

Ainda hoje se cantam em Espanha poemas anónimos, de inspiração secular, que foram transmitidos ao povo através da tradição oral: os «romances». Os mais antigos dentre eles, remontam aos séculos X e XI que por sua vez são inspirados em cânticos épicos do século VIII.

Propusémo-nos estudar aqui, um destes romances que, sabe-se, era já conhecido no século XVI: o «Romance de Delgadina».

A partir dum duplo ponto de referência, o psicanalítico e o cultural, tentaremos pôr em evidência as relações existentes entre a linguagem deste romance e os conflitos psíquicos inconscientes da heroína, implicados na trama da narrativa.

Para começar, algumas palavras sobre os romances. Trata-se de poemas em versos octossilábicos cujos versos pares são assonanciados e os ímpares livres. Estes poemas épico-líricos cantam-se tanto acompanhados por um instrumento musical, como sem acompanhamento. Cantam-se pelo prazer

de os cantar, ou para acompanhar os trabalhos de grupo dos vindimadores, lavadeiras ou pastores.

Este género poético medieval desapareceu praticamente dos outros países da Europa, mas é ainda bastante popular em Espanha, na América Latina e entre os judeus «sérafades» (6, 7).

A linguagem dos romances é clara e directa, a sua grande força dramática é sustentada por metáforas simples e, por vezes, até bastante ingénuas, o que contrasta frequentemente com o tema evocado: infanticídio, canibalismo, etc.

Menendez Pidal descreve como se segue a importância cultural destes romances: «o *romancero* seria pela sua tradição, pela vida histórica que representa, pelas suas características estéticas e morais, o *requinte* próprio das características espanholas» (7). Segundo Menendez Pidal, Victor Hugo dizia que os romances eram uma «Ilíada sem Homero» (7).

Na nossa opinião, estas canções de acesso aparentemente fácil exprimem, bastante cruamente, certos conflitos que no quadro das convenções sociais, não poderiam «dizer»-se senão de uma forma com pretensões artísticas (4). Trata-se certamente de con-

(*) *Ethnopsychiatria*. Vol. 2/1. 1979.

(**) Psiquiatra da Universidade Central da Venezuela. D. E. A. em Antropologia Social e Cultural da École des Hautes Études en Sciences Sociales — Paris. Doutorando em Etnopsiquiatria.

flitos universais, transmitidos noutros lugares ou noutras épocas por narrativas ou por contos, mas que no *Romancero* se exprimem de maneira tipicamente espanhola através da poesia cantada. É isto que permite uma regressão profunda dado que «a música exprime da forma mais directa as pulsões interditas mais fundamentais» (4. p. 40). O romance revela-nos, portanto, «o inconsciente étnico» subjacente reflectido pelas tradições, costumes, folclore, valores religiosos e morais, interdições, etc., que segundo Devereux seria a «parte do inconsciente total que o indivíduo possui em comum com a maior parte dos membros da sua cultura» (3, p. 4).

Vamos tentar agora a análise do Romance de Delgadina desmontando os elementos inconscientes que subentendem o texto, ou idiossincrásicos e isto à luz da teoria da criatividade de Georges Devereux (4).

Texto do romance ⁽¹⁾:

Três jovens filhas tinha o rei, todas três como a prata e a mais nova d'entre elas Delgadina se chamava. Um dia, como ela ia à missa, o seu pai a olhava:

— Delgadina, Delgadina tens que ser minha amante.

— Que o Deus do céu me livre disso, e a Virgem Soberana.

Eu, ser a mulher de meu pai, a madrasta de meus irmãos!

Ele agarra-a pelos cabelos e arrasta-a até uma torre e não lhe dá de comer, senão peixe e água salgada. Delgadina já muito sequiosa, olha pela janela vê em baixo a sua mãe, numa cadeira de ouro sentada.

— Mãe, se sois minha mãe, em nome

de Deus, dai-me um jarro de água, a minha alma está por um fio e a vida abandona-me.

— Vai-te filha de um cão, vai-te cadela maldita! Vai haver quatro anos, que por tua causa sou mal casada.

Delgadina já muito sequiosa, olha por uma janela mais alta, e vê as irmãs que lavam lençóis de Holanda.

— Em nome de Deus, minhas irmãs, vos suplico me deis um jarro de água, a minha alma está por um fio e a vida abandona-me.

— Bem gostaria de dar-ta, minha irmã, tal como todas as que aqui lavamos mas se o nosso pai o soubesse, cortar-nos-ia a cabeça.

Delgadina já muito sequiosa, olha pela mais alta janela, vê seu pai em baixo, a jogar às barras. ⁽²⁾

— Pai, se sois meu pai, em nome de Deus, dai-me um copo de água, a minha alma está por um fio e a vida abandona-me.

— Eu quero muito dar-ta, minha filha, mas deves manter a tua palavra.

— Mantê-la-ei pai, embora de mau grado.

— Ide, ide, meus servos, levai água a Delgadina.

Uns com jarros de ouro, outros com jarros de prata, mas por mais que tivessem corrido, Delgadina estava morta.

Aos pés de Delgadina, uma fonte jorrou.

O primeiro a chegar, terá ganho a vida, O último a chegar, terá arriscado a vida.

O leito de Delgadina de anjos se rodeou e o leito de seu pai de serpentes e outras coisas más.

⁽¹⁾ No original francês, é aqui feita uma nota chamando a atenção para o facto de que a tradução deste texto é quase integral, tentando de formar o menos possível o conteúdo do romance. A nossa tradução é feita a partir desta, com todos os inconvenientes que daí possam advir, como é por exemplo o caso da rima dos versos. (N. do T.)

⁽²⁾ Não se sabe exactamente de que jogo se trata. Mas antigamente em Espanha, havia o «jogo das barras» que consistia em fazer passar uma bola através dum anel de ferro. As barras mediam as distâncias.

INTERPRETAÇÃO

Esta história poderia ser interpretada de uma forma bastante simples: uma jovem infeliz que deve submeter-se à vontade de um pai cruel. Ou então, se situarmos a narrativa num contexto social, podemos ver aí a manifestação lamentável duma época onde o Rei tinha o direito de vida e de morte sobre os seus súbditos, não podendo ninguém resistir à sua vontade, nem mesmo a própria rainha. Mas uma interpretação tão superficial negligenciaria um ponto fundamental: a escolha da filha como objecto de desejo.

Se, pelo contrário, estudamos o texto à luz da psicanálise, a narrativa aparece-nos completamente diferente. O que se passa no romance revelar-se-á como produto do psiquismo de uma única pessoa, do inconsciente de Delgadina que é a personagem central da história. Em suma, devemos interpretar este romance como se se tratasse de um sonho e nele discernir a representação duma fantasia edipiana, que ao dinamizar a culpabilidade e a agressão de Delgadina, produz uma configuração intrapsíquica muito próxima da da psicogénese da anorexia mental. De facto, sabe-se que na anorexia mental «a jovem é incapaz de assumir o seu papel sexual genital e de integrar as transformações corporais da puberdade (arredondamento do seios, das formas, etc.); ela recusa inconscientemente a sua feminilidade. A recusa em se alimentar representa uma defesa contra as pulsões orais, carregadas, ao mesmo tempo da satisfação de se alimentar e também da satisfação erótica. Enfim, recusar comer e satisfazer a fome (assimilada ao desejo sexual) constituem para o adolescente uma denegação do seu desejo sexual» (1, p. 15-16).

Ora, neste romance, trata-se precisamente duma rapariga muito franzina como o próprio nome o indica (Delgado=franzina). Consideremos agora a sucessão dos factos:

1 — *Desejos incestuosos do pai em relação à filha, Delgadina.*

Interpretação: trata-se de uma projecção de desejos incestuosos de Delgadina. Primeiramente ela nega-os: «Que o Deus do céu me livre liso, e a Virgem Soberana». É portanto o pai que o quer, ela afirma não ter nada com isso. Isto permite-lhe exprimir as suas fantasias sob a forma duma exclamação indignada: «Eu ser a mulher de meu pai, a madrasta de meus irmãos!».

Esta exclamação suscita nela própria sentimentos ambivalentes: «ser ou não ser».

2 — *O isolamento na torre: o pai encerra a filha.*

Interpretação: é a culpabilidade incestuosa de Delgadina que faz com que ela própria seja encerrada. O isolamento é interpretado como a solidão à qual a sua culpabilidade a condena, é o seu castigo. Ao mesmo tempo, a torre representa também o inconsciente de Delgadina. Encerrada, ela vê desenrolarem-se, como num écran (as janelas), os diversos cenários das suas fantasias, representados por imagens. Estas janelas, cada vez mais altas, poderiam corresponder, simultaneamente, ao aumento angustiante da sua excitação libidinal.

3 — *Delgadina pede ajuda à mãe que lha recusa: «Vai-te filha de um cão, vai-te cadela maldita! Vai haver quatro anos, que por tua causa sou mal casada».*

Interpretação: Estes versos contêm a representação da fantasia que a impede de pedir ajuda à sua rival, a mãe, uma vez que, devido à sua culpabilidade, ela sabe de antemão que essa ajuda lhe será recusada.

O pedido de ajuda dirigido à mãe representa também uma tentativa de identificação com a sua rival (identificação com o agressor) que exprime a ambivalência em relação ao ímago maternal.

4 — *Delgadina pede ajuda às irmãs, que lha recusam.*

Interpretação: uma vez que as irmãs são igualmente suas rivais, o que a espera, se ela quiser identificar-se com elas, é a castração e a morte:

«*Mas se o nosso pai o soubesse, cortar-nos-ia a cabeça*».

Os três diálogos que Delgadina tem com a mãe, com as irmãs e com o pai através das janelas, leva-nos a fazer algumas observações imediatas e a antecipá-las a outras. A ascensão de Delgadina na torre, onde ela fala, de cada vez, por uma janela mais alta, é acompanhada por uma angústia cada vez maior. Esta angústia vai da angústia de perda de objecto e da angústia de castração, até à angústia de morte. Ora, se substituímos à angústia que sente a anoréxica face ao alimento, o seu equivalente, isto é, a angústia que desencadeia o desejo incestuoso, torna-se evidente que Delgadina passa pelas diferentes etapas do desenvolvimento psicosssexual das raparigas. Existe inicialmente a escolha da mãe como objecto erótico, em seguida a escolha homossexual feminina (as irmãs) e finalmente a escolha do pai como objecto de desejo heterosexual. É esta última que a angustia mais. Isto corresponde a uma associação entre o desejo sexual (o amor) e a morte, que é típica ao mesmo tempo do *Romancero* espanhol e da cultura mediterrânica.

5 — A 3.^a janela é a mais perigosa: se Delgadina cresce suficientemente, ela conseguirá realizar o incesto fantasiado — «embora de mau grado» — (formação reactiva e projecção dos seus desejos). Ela cai, por consequência, num estado onde se vê privada de alimento pelo pai. Mas, na realidade é ela que não come para ficar pequena e franzina, fora de perigo, dado que impúbere, sempre «Delgadina», a jovem franzina.

O alimento é vivido como peixe (símbolo

fálico) e água salgada (esperma), isto é, como qualquer coisa de perigoso e susceptível de agravar o seu estado. Trata-se de uma fantasia infantil universal (muito importante na anoréxica): o da fecundação e da gravidez pela boca. Em tais casos, a recusa do alimento traduz a recusa da sexualidade, assim como a recusa ao crescimento que faz regressar Delgadina ao estado oral, onde a morte lhe permite evitar a transgressão do interdito.

O romance termina pela representação dum fantasma:

«*O leito de Delgadina de anjos se rodeou e o leito de seu pai de serpentes e outras [coisas más]*»

Esta imagem revela uma projecção suplementar: sendo o desejo incestuoso atribuído ao pai, é ele quem deve expiar o crime do incesto.

As conclusões morais que se podem tirar destes versos são:

a) Pai, não toques nas tuas filhas, elas são tabu.

b) O incesto conduz à morte, mesmo que não tenha lugar senão na imaginação.

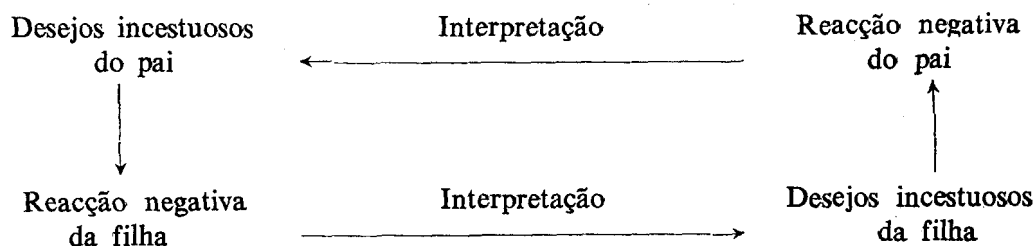
A interpretação proposta aqui, não exclui a possibilidade de apresentar outras, das quais uma poderia ser baseada em certas constatações feitas por G. Devereux, a propósito das relações entre pais e filhos. Devereux demonstrou bem que nos conflitos edipianos (2), tal como no canibalismo (3, cap. 5) e também noutros casos, as pulsões (incestuosas, canibalísticas, homicidas, etc.) não são só produzidas pelas crianças; elas são também estimuladas e por vezes até sustentadas pelos pais.

Concluiremos disto, que o comportamento «contra-edipiano» ou «contra-canibalesco» dos pais pode estar na origem de alguns conflitos infantis. No caso de Delgadina, esta dupla interpretação é obriga-

tória, pois permite explicar o seu comportamento como uma reacção real aos desejos incestuosos *reais* do pai.

Com efeito, podemos, sem reanalisar nestes termos o romance de Delgadina, pôr em evidência toda uma série de pares com-

plementares de conflitos paralelos: os de Delgadina e os do rei. Esta interpretação coaduna-se bem com a linguagem manifesta do romance e toma todo o seu significado, desde que se ponham em relevo estes pares explicativos:



CONCLUSÕES

Propusemo-nos extrair do romance de Delgadina, por um lado, alguns traços característicos do inconsciente étnico espanhol e, por outro, alguns conflitos que, se bem que idiossincrásicos, têm lugar de primeira importância na cultura espanhola.

Perspectivado no quadro do *Romancero* Espanhol, o Romance de Delgadina parece possuir aspectos bastante pessoais dos quais alguns manifestamente neuróticos (conflitos da anorexia mental); embora outros, de carácter mais geral pertencem ao domínio do cultural. O texto de que nos ocupamos reflecte três tipos de conflitos: *universais*, *culturais* e *pessoais*, cujo jogo permite o desencadear de determinados mecanismos de defesa. Se tivermos em conta a beleza do romance e a sua utilidade social — a expressão das pulsões pré-genitais duma maneira socialmente aceitável — podemos afirmar que este romance — criação dum autor anónimo — é o produto duma sublimação autêntica.

QUADRO

Romance	Conflitos universais	Conflitos Culturais	Conflitos idiossincrásicos ou neuróticos	Mecanismo de defesa
O rei que quer que a sua 3.ª filha se torne sua amante	Conflito edipiano. Incesto pai-filha.	Direito de pai sobre a sua filha (rei: mau pai) Interdição religiosa (Deus: bom pai)	Conflitos duma rapariga anoréxica mental	Projectão dos desejos incestuosos sobre o pai. Clivagem do Imago paternal.
Isolamento na torre	Torre: inconsciente	Infantilização perante a sexualidade genital	Isolamento causado pela culpabilidade: ela não come (é o pai que a obriga)	Isolamento: auto-punição. Regressão: medo de crescer.
A mãe recusa-lhe ajuda	Luta entre mulheres rivais. Exclusão da mais fraca	Rivalidade mãe-filha	A sua culpabilidade impede-a de pedir ajuda à mãe ou de se identificar a ela. A mãe como objecto de desejo (a mãe não quer ajudá-la).	Culpabilidade persecutória, ela é indigna de ser ajudada. Projectão, é a filha que tem ciúmes da mãe.
As suas irmãs não a ajudam	Idem	Rivalidade entre irmãs	Ser como as irmãs (crescer) implica uma ameaça de castração. D. não pode identificar-se com elas. Escolha de objecto homossexual	Projectão
O pai alimenta-a apenas a peixe e água salgada, assim obriga D. a aceitar o incesto	Fantasia de fecundação oral	O medo de crescer representa o medo da genitalidade	Peixe: pénis. Água salgada: sêmen Sexualização da alimentação. Recusa de alimento: recusa de crescer e medo do incesto	Projectão Deslocamento Evitamento Regressão ao estado oral passivo.
D. morre rodeada de anjos, o pai de serpentes e de coisas más	Morte associada ao incesto Fantasia duma vida pós-morte	Associação amor/morte Influência da religião católica	D. evita o incesto. O pai seria punido e rodeado de serpentes (mau pénis)	A morte como regressão mais profunda Projectão

RESUMO

Este texto é uma análise etnopsiquiátrica de uma antiga balada espanhola, ainda hoje popular, cujas origens remontam ao séc. XVI, ou talvez antes.

O Romance de Delgadina conta a história de um rei, que apaixonado por uma das suas filhas, tenta forçá-la a tornar-se sua amante, alimentando-a apenas a peixe e água salgada. Os outros membros da família recusam ajudá-la: a mãe, ciumenta pelo amor do rei, as irmãs com medo de serem punidas com a morte. Depois de uma longa resistência, ela aceita, pedindo água para beber, mas esta chega demasiado tarde, e ela morre antes de cometer o incesto.

A análise da canção revela os desejos incestuosos da rapariga, primeiro projectados no pai e mais tarde sentidos como persecutórios, uma interpretação que explica por outro lado, o comportamento incompreensível da mãe.

A nossa análise foca também a erotização do alimento e as suas relações com fantasias infantis de fecundação oral e as causas psicológicas da anorexia mental. Este distúrbio alimentar, predominantemente adolescente, no qual as raparigas incapazes de assumir a sua crescente sexualidade, recusam o alimento como recurso para impedir o seu desenvolvimento físico.

O fim trágico da heroína, delinea alguns aspectos culturais específicos das relações entre amor e morte, sendo a última vista como o único castigo admissível para o incesto, mesmo se cometido apenas em fantasia.

SUMMARY

This paper is an ethnopsychiatric analysis of an ancient spanish ballad, popular even in our days, whose origins can be traced back to the XVI century, or even earlier.

The Romance de Delgadina (roughly — «Ballad of the thin young girl»), tells the tale of a king who, in love with one of his daughters, tries to force her to become his lover by feeding her only with fish and salted water. The other members of the family refuse to help her: her mother out of jealousy for the love of the king, her sisters out of fear of being punished by death. After a long resistance, she accepts, demanding to drink some water, but it arrives too late and she dies before committing incest.

The analysis of the song reveals the hidden incestuous wishes of the young girl, first projected unto the father and later experienced as persecutory, an interpretation that accounts for the, otherwise, incomprehensible behavior of the mother. Our analysis also focuses on the erotisation of the food and his relationships with infantile phantasies of oral impregnation and the psychological causes of the anorexia mental. That eating disorder, predominantly adolescent, in which young girls, unable to cope with their budding sexuality, use food refusal in an effort to stop their corporal development.

The tragic end of the heroin underlines some culture specific aspects of the relationship between love and death, the later seen as the only admissible punishment for incest, even when committed only in phantasy.

REFERÊNCIAS

- (1) BERNARD P. et TROUVE S.: *Sémiologie psychiatrique*. Paris, Masson, 1976.
- (2) DEVEREUX G.: Why Œdipus killed Laius, *International Journal of Psycho-analysis*, 34: 132-141, 1953.
- (3) id.: *Essais d'ethnopsychiatrie générale*. Paris, Gallimard, 1977.
- (4) id.: *Tragédie et poésie grecques*, Paris, Flammarion, 1975.
- (5) DIAZ J.: *Cancionero de Romances*. Madrid, Moviegraf, 1977.
- (6) JACKSON G.: *Introducción a la España medieval*. Madrid, Alianza, 1978.
- (7) MENENDEZ-PIDAL, R.: *Flor nueva de romances viejos*. Madrid, Espasa-Calpe, 1968.



PERSONA

Da Psicologia à Psicanálise,
da Pedagogia à Sexologia,
da Puericultura à Psicomotricidade,
a Colecção PERSONA
visa tratar a globalidade
dos problemas da pessoa humana

ALGUNS TÍTULOS PUBLICADOS:

A UNIDADE DA PSICOLOGIA

de Daniel Lagache
80 págs. / 120\$00

**A EVOLUÇÃO PSICOLÓGICA
DA CRIANÇA**

de Henri Wallon
240 págs. / 260\$00

A SAÚDE MENTAL DA CRIANÇA

de Celestin Freinet
160 págs. / 170\$00

SEXUALIDADE E PODER

Dir. de Armando Verdiglione
316 págs. / 260\$00

A PSICANÁLISE

de J. C. Sempé e outros
342 págs. / 260\$00

A INTERPRETAÇÃO DAS AFASIAS

de Sigmund Freud
98 págs. / 140\$00

FEITICISMO E LINGUAGEM

de J. J. Goux e outros
168 págs. / 190\$00

PSICOLOGIA DA ATRACÇÃO SEXUAL

de Glenn Wilson e David Nias
184 págs. / 260\$00

ANÁLISE DE CONTEÚDO

de Lawrence Bardin
232 págs. / 320\$00

O EXAME PSICOLÓGICO DA CRIANÇA

de Michèle Perron-Borelli e Roger Perron
232 págs. / 300\$00

PSICOLOGIA SOCIAL

de Jacques-Philippe Leyens
264 págs. / 380\$00



edições 70

Av. Duque de Ávila, 69 r/c Esq. — 1000 LISBOA

Telefs. 57 83 65/57 83 22

Delegação no PORTO: Rua da Fábrica, 38-2.º Sala 25 — 4000 PORTO

ASSINE

DIVULGUE

ANÁLISE PSICOLÓGICA



Distribuição



**CENTRAL
DISTRIBUIDORA
LIVREIRA**

AV. SANTOS DUMONT, 57 - 2.º

1000 LISBOA